

Resenha Bibliográfica



Para o estudo da Comunidade

Raquel Ditz Ribeiro

Zygmunt Bauman: *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.*

Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

Em *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*, Zygmunt Bauman trata do cerne do sentido de comunidade, da maneira como ela entrou em colapso e de como hoje, no mundo globalizado, ele vem a corresponder a uma busca por segurança.

A natureza da comunidade é ser distinta, pequena e auto-suficiente. No seu interior deve existir um entendimento comum e ela deve funcionar como um “círculo aconchegante” onde as pessoas não precisam provar nada e podem esperar simpatia e ajuda apesar do que tenham feito. A unidade da comunidade é feita de homogeneidade, de mesmidade. Sabe-se que esta última passa a ter dificuldades no momento em que a comunicação entre os que estão fora e os que estão dentro passa a ser mais valorizada que as trocas internas.

Outro fator que se impôs à comunidade foi o advento do capitalismo e as novas relações de trabalho. Antes, na rede de interações comunitárias, o trabalho era dotado de sentido. Com a transformação dos antigos trabalhadores da comunidade em massa de trabalhadores, ele perdeu todo seu sentido e passou a ser uma ação rotineira e imposta, com um único objetivo: o lucro. O trabalho era o eixo em torno do qual o resto da vida acontecia. No entanto, este eixo se quebrou. O trabalho não traz mais segurança, pode-se perdê-lo a qualquer momento. E, não só ele como muitas coisas que tínhamos como sólidas não existem mais. No ambiente em que vivemos nada permanece ou dura suficientemente para tornar-se familiar e se transformar naquilo que quem almeja uma comunidade espera.

Bauman passa, então, a falar sobre as comunidades existentes na contemporaneidade. As comunidades cercadas são aquelas cuja guarda é comprada para manter aqueles com maior poder aquisitivo longe dos intrusos que vivem do outro lado das cercas elétricas. Os habitantes destas comunidades são os homens e mulheres modernos, bem-sucedidos e poderosos, que acreditam não precisar de comunidade. Além disso, são contra o comunitarismo, que é regido pela partilha das vantagens entre seus membros, pois se negam a compartilhar com os outros o que conquistaram com seu próprio mérito.

O mundo do entretenimento, a mídia, dá luz às comunidades estéticas. Por exemplo, no momento em que ídolos relatam seus sofrimentos e histórias de luta, os telespectadores se identificam com eles, o que os torna membros de uma comunidade. Uma

Raquel Ditz Ribeiro é mestra de Comunicação da UFSM, graduada em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela UFSM e funcionária da Secretaria de Planejamento do Estado do Rio Grande do Sul.

comunidade de solitários porque é efêmera. E, por isso, segue a lógica do mundo atual pela qual tudo é de consumo imediato e descartável. Estas comunidades são também chamadas pelo autor de “comunidades-cabide”, já que tudo que o que delas fazem parte serve como cabides onde as aflições e preocupações dos indivíduos são temporariamente penduradas e depois retomadas para serem penduradas em outros lugares.

A luta pelos direitos individuais na modernidade desemboca em uma intensa construção comunitária que pode dar origem a uma comunidade de interesses. No entanto, para Bauman esta está condenada a ser dissolvida antes de se solidificar porque trata de problemas que são sofridos e enfrentados solitariamente e são inadequados à agregação numa comunidade de interesses que busca soluções coletivas para problemas individuais.

Parecendo resistir ao processo de desintegração do sentido de comunidade estão as chamadas minorias étnicas. No processo de construção do Estado-nação, estas minorias ou foram assimiladas ou pereceram diante da idéia de um estado coeso. Mas, a noção de comunitarismo se desenvolveu mais entre aqueles que queriam ser assimilados mas tiveram esse direito negado.

Após fazer uma análise das comunidades irreais, efêmeras ou que ainda persistem na atualidade, chega-se ao ponto principal do livro que é identificar o que compõe a busca por comunidade hoje. A sociedade tinha uma imagem de comunidade de cuidados e compartilhamento, onde havia um seguro coletivo contra o infortúnio individual. Porém, hoje, num mundo regido pelo privatismo e pela individualização cada um se torna responsável pela sua segurança, o Estado não assume mais esse papel. Neste sentido, pergunta-se se a comunidade não poderia vir a assumir o papel de fornecer um “estar seguro” para seus membros.

A comunidade que as pessoas procuram é uma comunidade de segurança, sem ladrões e intrusos; repleta de muros, cercas elétricas e portões vigiados. É neste contexto de supervalorização do medo da violência que a nova concepção de comunidade se forma. É a comunidade do bairro seguro que Bauman chama de “gueto voluntário”.

Aqui o autor faz uma diferenciação daquele com os guetos negros norte-americanos e as *cités* de imigrantes francesas. Estes guetos são lugares dos quais não se pode sair com o perigo de ser preso pela cor, como nos EUA. Já nos “guetos voluntários”, tenta-se impedir a entrada de intrusos e, é claro, pode-se sair à vontade.

Neste cenário surge o multiculturalismo, que busca transformar as desigualdades em “diferenças culturais”. Para Bauman esta é a “ideologia do fim da ideologia”, que é guiada por duas transformações: o desencajamento, como nova estratégia do poder e da dominação e pelo excesso como substituto para regulação normativa. No mundo do multiculturalismo, as culturas podem até coexistir, mas é difícil que se beneficiem de uma vida compartilhada, uma vida em comunidade.

Zygmunt Bauman traça um longo caminho. Nos traz a idéia de comunidade, como ela foi se desgastando e como ela pode ressurgir, hoje, na busca por segurança. No entanto, faz ela parecer um tanto ilusória ao tratar do multiculturalismo como uma arma do Estado para resolver as diferenças no interior do seu território. Mesmo assim, o mais importante é que o autor assinala que ainda há uma esperança de que a comunidade possa existir, embora não em seu sentido original.